

## UM OLHAR SOBRE A RELAÇÃO MÉDICO E PACIENTE NOS CONTEXTOS DE ATENDIMENTO CLÍNICO: A ABORDAGEM PSICANALÍTICA E DIALÓGICA DE MIKHAIL BAKHTIN, EM 'O FREUDISMO', ESPECIALMENTE

Francisco Renato Lima<sup>1</sup>

Ao desenvolver estudos sobre o discurso e a linguagem, tomando como foco de observação e interpretação sessões da prática psicanalítica de Freud<sup>2</sup>, Bakhtin (2014a [1927]), em 'O Freudismo', percebe que há "uma luta entre paciente e médico, na qual o paciente procura esconder do médico algumas experiências emocionais e acontecimentos de sua vida e lhe impor seu ponto de vista sobre as causas de tais experiências e de sua doença", destaca Bezerra (2014, p. XVI) em um texto introdutório no referido livro; concebendo, essa relação como parte de um processo dialógico entre dois sujeitos em interação social mediada pela linguagem.

Essa 'luta', mencionada, é, no entanto, simbólica, pois há uma oscilação na relação comunicativa entre os sujeitos da interação. O médico, culturalmente, tem uma autoridade ou poder construído sobre o paciente; e que o utiliza durante a consulta, enquanto este fica inibido ou constrangido. Esse fato interfere na interação imediata entre os interlocutores, que é construída em um contexto extraverbal, o qual determina a

constituição do enunciado verbalizado (BAKHTIN, 2014a [1927]). Nesse processo, não se pode ignorar a natureza ideológica que orienta todo enunciado, uma vez que ele é produto de uma orientação social, e que só se realiza, na reação resposta ativa entre os interlocutores.

Sobre a questão do dialogismo, que se inscreve nas entrelinhas de toda a sua obra, Bakhtin a desenvolve com mais precisão em 'Problemas da poética de Dostoiévski' (2013 [1929]) e em outros textos, como: "O Discurso no Romance", no livro 'Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance' (2014b [escrito entre 1924-1941 e publicado em 1975]), como destaca Bezerra (2014, p. XVI-XVII). Ao continuar referindo-se à relação médico e paciente, embora em contextos de Psicanálise, a linguagem apresenta-se como elemento que condiciona os sujeitos sociais nas relações dialógicas que se estabelecem.

A voz do médico é a voz que reage ao discurso do outro, tenta antecipar-lhe as definições, manter o seu ponto de vista sobre si mesmo; nesse diálogo cruzam-se duas consciências, dois pontos de vista, duas avaliações. O médico também é uma instância do diálogo que procura não só antecipar-se à réplica do outro mas impor o seu ponto de vista de forma mais taxativa. "O médico, por sua vez, procura preservar sua autoridade de médico, visa a conseguir revelações do paciente, empenha-se em *fazê-lo aceitar o ponto de vista sobre a doença e seus sintomas*" (grifos meus). Aqui, além do dialogismo como luta e interação eu/outro, surge uma categoria de discurso que Bakhtin só define mais tarde, em 1934-35 (veja-se o ensaio "O Discurso no Romance"). Trata-se da categoria "discurso autoritário",

<p>Folha Acadêmica do CESG ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XVII jan-mar 2018</p>	<p>Trabalho 04 Páginas 13-16</p>
<p><a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</a></p>	<p>periodicoscesg@gmail.com</p>	

daquele discurso que se impõe pela autoridade de quem o emite, no caso dado o médico na condição de representante de uma instituição científica – a medicina –, e se nos impõe independentemente de ser interiormente persuasivo ou não; já se apresenta antecipadamente vinculado à autoridade do emissor. Mas, na ótica de Bakhtin, mesmo usando esse “discurso autoritário”, o médico não pode fugir à realidade de que a sessão de psicanálise é um pequeno acontecimento social imediato e as enunciações do paciente refletem a dinâmica social da relação entre os dois falantes, traduzindo assim, a dramaticidade que caracteriza a teoria de Freud. Essa interpretação da sessão de psicanálise deve-se a uma engenhosa teoria do convívio social que Bakhtin desenvolve paralelamente, na qual “nenhum enunciado verbalizado pode ser atribuído exclusivamente a quem o enunciou: é produto de interação entre falantes” e, em termos mais amplos, de todo o contexto social da enunciação. (Grifos do autor)

Tendo em vista essa reflexão, percebe-se que é como se o paciente já tivesse certeza do problema que tem, ou previsse um diagnóstico, e fosse ao consultório médico apenas para ter uma confirmação e/ou um ‘atestado’ oficial de sua enfermidade. Uma terceira hipótese a ser considerada é a de que, embora ‘lute’ com o médico, o paciente lhe atribui uma confiança, pois sabe que ele está atribuído de um papel institucionalizado e um *status* na cadeia hierárquica das relações sociais, que lhe atribui o poder de dar um retorno ou de resposta para o que ele está sentido.

Já, quando esse paciente busca “impor seu ponto de vista sobre as causas de tais experiências e de sua doença”, duas

hipóteses podem ser consideradas: a primeira é a que o paciente apresenta comportamentos de natureza psicossomática, e que, motivado por alguma razão psicológica e emocional, cria mentalmente uma série de sintomas, como dores, alergias etc., que até podem ser detectadas por exames laboratoriais, uma vez que o corpo acaba afetado, mas a causa primeira do surgimento é psicológica, de modo que o tratamento é feito com o médico e o paciente; a segunda é que este paciente sofre da síndrome de Munchausen, na qual o sujeito apesar de saber que não está doente, finge, deseja estar; pois, na verdade, ele procura é atenção e compaixão, e busca no médico esse apoio. É diferente da hipocondria, em que o sujeito realmente acredita que está doente; e também de um mero fingimento, para obter ganhos e lucros financeiros etc. (ASHER, 1951).

De todo modo, seja qual for a motivação que leve esse paciente ao consultório médico, há entre esses sujeitos, uma interação, uma relação dialógica mediada pela linguagem, tanto quando no falar, como no silenciar, aspectos, que Bakhtin (2011 [1979], p. 369), no texto: “Apontamentos de 1970-1971”, estabelece como distintos, ao apontar que:

<p>Folha Acadêmica do CESC ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XVII jan-mar 2018</p>	<p>Trabalho 04 Páginas 13-16</p>
<p><a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</a></p>	<p><a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a></p>	

A violação do silêncio pelo som mecânico e fisiológico (como condição da percepção); a violação do mutismo pela palavra de modo pessoal e consciente: esse é o mundo inteiramente outro. No silêncio nada ecoa (ou algo não ecoa), no mutismo ninguém fala (ou alguém não fala). O mutismo só é possível no mundo humano (e só para o homem).

Embora Bakhtin (2011 [1979]), utilize o termo 'mutismo', Petrilli; Ponzio (2000) *apud* Ponzio (2006, p. 473), consideram que o termo "calar", como referido anteriormente, é mais apropriado, pois "calar não é só mutismo. O calar não está fora da linguagem, mas também é falar indireto, palavra distanciada, palavra irônica, paródia, alegoria: palavra da escrita literária"<sup>3</sup>. Assim, o calar torna-se mais abrangente, respondendo mais adequadamente, à proposta de compreensão da palavra, como signo linguístico de interação verbal.

Em leitura similar, Lampoglia; Miotello (2012, p. 07) consideram, portanto, que "é necessário o silêncio para que minhas palavras sejam reconhecidas e identificadas. Mas, para que minhas palavras sejam compreendidas e respondidas, faz-se necessário o calar, que se insere no campo da enunciação e do irrepitível". Desse modo, o silêncio é um processo que antecede o calar. É um espaço onde o interlocutor assimila a informação e tem a possibilidade de, a partir dela, emitir uma mensagem, seja o falar (emitir um som) ou então calar, que conforme o princípio responsivo e dialógico

da linguagem configura uma resposta ao enunciado do outro.

Em meio a essas inquietações, as relações dialógicas e de troca de informações se realizam por meio de movimentos hierárquicos na escala social entre o médico - imbuído de um papel de autoridade e poder frente à passividade dos pacientes - e estes últimos, em condição de espera por um diagnóstico, o que a partir de então, refletirá nos modos de ser, estar e ver o mundo deste paciente.

É possível ainda, referir-se à figura do médico como um sujeito da ciência, fundado no paradigma newtoniano-cartesiano, capaz de construir-se como sujeito do discurso, a partir da capacidade de pensamento, objetivando um ideal de racionalidade, que independe do corpo e da matéria para existir. Esse sujeito, no discurso, aparece como detentor de um saber construído entre as relações de poder que o amparam socialmente e as realizações sociais estratégicas utilizadas no jogo da linguagem, a qual implica, muitas vezes, na não compreensão da mensagem.

## REFERÊNCIAS

ASHER, Richard. Munchausen's syndrome. *The Lancet*. 1951 fev: 339-341.

BAKHTIN, Mikhail. *O freudismo: um esboço crítico*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2014a. [1927]. p. XI-XIX.

\_\_\_\_\_. O discurso no romance. In: \_\_\_\_\_. *Questões de Estética e de Literatura: a teoria do romance*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014b. [1975]. p. 71-210.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. [1929].

\_\_\_\_\_. Apontamentos de 1970-1971. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. [1979]. p. 367-392.

BEZERRA, Paulo. Freud à luz de uma filosofia da linguagem. In: BAKHTIN, M. *O freudismo: um esboço crítico*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2014a. [1927]. p. XI-XIX.

LAMPOGLIA, Francis; MIOTELLO, Valdemir. O silêncio e o calar sobre a ditadura militar pelo olhar de Bakhtin: a diferença entre o ouvir e o escutar. *Palimpsesto*, nº 14, Ano 11, 2012, Dossiê (1). p. 1-14.

LIMA, Francisco Renato. *Letramentos em contextos de consulta médica: um estudo sobre a compreensão na relação médico-paciente*. 2016. 254 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas e Letras. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.

PONZIO, Augusto. Escritura de la novella y del cinema como crítica de La comunicación global. UNED. *Revista Signa*, nº 15 (2006), p. 469-492.

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí, graduado em Letras – Português e Inglês pelo Instituto de Ensino Superior Múltiplo e em Pedagogia pelo Centro Universitário Santo Agostinho. Professor substituto na Universidade Federal do Piauí. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/3152885404404790>.

<sup>2</sup> É importante ressaltar que, o estudo bakhtiniano parte de um âmbito da psiquiatria, e que, nessa discussão, e comparado ao trabalho de mestrado de Lima (2016) é possível referi-lo apenas pela similaridade dos pares, ou seja, o médico e o paciente, que fazem parte do contexto de atendimento psiquiátrico, observado por Bakhtin; e que constituem os sujeitos principais da pesquisa do autor.

<sup>3</sup> Texto original: “El callar no es solamente mutismo. El callar no ha salido del lenguaje, sino que es también hablar indirecto, palabra distanciada, palabra irónica, parodia, alegoría: *palabra de la escritura literária* (cf. Petrilli y Ponzio, 2000)”. - Tradução de: Lampoglia; Miotello (2012).

<p>Folha Acadêmica do CESH ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XVII jan-mar 2018</p>	<p>Trabalho 04 Páginas 13-16</p>
<p><a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</a></p>	<p><a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a></p>	